

Simonde de Sismondi e a sua obra *De la littérature du Midi de l'Europe* (1813). O espírito de Coppet na formação do ideário histórico-literário de inícios do século XIX.

MARIA HERMÍNIA AMADO LAUREL
(Universidade de Aveiro)

Estudar as origens da historiografia literária portuguesa leva-nos, necessariamente, ao encontro de estudiosos estrangeiros que fizeram escola, mas cuja personalidade caiu progressivamente no esquecimento, mercê, sem dúvida, da apostasia a que, na sequência da "querelle de la nouvelle critique" que agitou o panorama crítico francês nos anos sessenta, foi votado o modelo de investigação que valorizava os percursos criativos entre o homem e a obra, e cuja consubstanciação terminal acabaria por ser sugestivamente designada pelo neologismo *vioeuvre* por Antoine Compagnon (Compagnon, A. 1998). Ostracizado pelos estruturalistas, quando não "morto" (decretava R. Barthes acerca do "autor" no conhecido texto de 68 (Barthes, R. 1984)) na sua identificação personalista, o "autor" viria a constituir a "bête noire" de toda uma crítica apostada na celebração do texto. Reconhecidas as limitações das perspectivas de análise estritamente textuais e desmitificada a ilusão autogenésica que estas configuravam, esclarecido o "poder" do leitor, para o qual Stanley Fish parecia querer remeter, nos anos oitenta, toda a responsabilidade interpretativa (Fish, S., 1980), e do qual Umberto Eco haveria cautelosamente de desenhar os contornos ao mesmo tempo que revalorizava a transitividade textual (Eco, U., 1992), o que é facto é que, nos nossos dias, o estudo biográfico dos autores, na vertente da sua formação pessoal e da fundamentação do seu pensamento, é frequentemente objecto de sociedades ou associações eruditas, apenas frequentadas por especialistas universitários ou, no caso de autores mais recentes, pelos "amigos" dos vultos em causa.

Assim acontece com a figura de Jean-Charles Léonard Simonde de Sismondi, autor de vasta bibliografia, muito particularmente no caso que nos interessa, da obra *De la littérature du Midi de l'Europe*, publicada em Paris em 1813, e que é actualmente objecto de estudo privilegiado da *Associazione di Studi Sismondiani*. Fundada em Pescia

(Itália), em 1997, esta associação reúne estudiosos de várias nacionalidades, justificando assim uma vocação internacional que ilustra bem, afinal, o cosmopolitismo do seu patrono. Saliente-se contudo que, se o literato se apresenta hoje como um dos primeiros representantes do historicismo romântico, e a sua obra é uma obra datada, o seu pensamento económico-social tem continuado a motivar o interesse dos estudiosos, como o comprovam o último encontro promovido pela referida associação, em Novembro de 2003, bem como os estudos produzidos actualmente sobre o autor.

Ultrapassada a tentação biografista em que terá submergido alguma crítica atraída pelo cotejamento documental exaustivo, certamente por excesso de zelo no que toca à determinação da fidelidade das fontes, mas não tanto devedora dos ditames da metodologia lansoniana com a qual é muitas vezes confundida a receita historicista¹, interessa hoje sobretudo à perspectiva crítica historiográfico-literária indagar a contextualização epocal, em sentido lato, que permite compreender, com o devido distanciamento, a configuração da obra dos autores.

Simonde de Sismondi não gozou de larga fortuna na história da crítica literária portuguesa. Apesar de vários exemplares da obra da qual nos ocuparemos hoje com maior atenção se encontrarem ainda disponíveis, em razoável estado de conservação, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra², e na Biblioteca Nacional, onde se encontra referenciado um exemplar do ano de 1813, correspondendo por isso a uma primeira edição, *De la littérature du Midi de l'Europe* não tem retido a atenção dos críticos, nem tão pouco se encontram entre nós referências desenvolvidas ao seu autor. Note-se contudo que as publicações de Sismondi são referidas no inventário comentado que constitui a exaustiva *Bibliographie franco-portugaise* – elaborada por Bernardo Xavier C. Coutinho, "docteur ès lettres licencié en sciences historiques, professeur au Grand Séminaire de Porto", e que, conforme indica o seu subtítulo, constitui um *Essai d'une bibliographie chronologique de livres français sur le Portugal* –, publicada em Lisboa em 1939, sob os auspícios do Instituto Francês, do Instituto para a Alta Cultura, com o apoio do então influente Secretariado da Propaganda Nacional.

¹ Relembremos o interessante programa exposto por Gustave Lanson, a cujos objectivos a estética da recepção viria a fornecer os necessários instrumentos operatórios, in Henri Peyre (1965), *Essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*, Paris, Hachette.

² Onde consultámos a terceira edição desta obra, revista e corrigida, publicada em Paris em 1929.

Torna-se por isso talvez interessante demorarmo-nos um pouco sobre alguns aspectos biográficos desta figura e do seu pensamento, os quais poderão decerto contribuir para um melhor conhecimento da contextualização epocal em que desenvolve a sua investigação. Poderemos então, numa segunda fase da nossa reflexão³, avaliar melhor a originalidade do projecto de natureza histórico-literário a que temos vindo a fazer referência, e no qual a literatura portuguesa ocupa alguns capítulos.

Tendo vivido entre os anos de 1773 e 1842, a sua existência foi fortemente condicionada pelas profundas mudanças experimentadas na maior parte dos países europeus em consequência dos acontecimentos políticos que medeiam entre o fim do antigo regime em França, a consequente revolução de 1789, os anos imperiais e o moderno quadro geopolítico europeu emergente, o qual se consolidava no difícil equilíbrio entre ideais republicanos e monárquicos, aqueles eivados de redentoras utopias sociais, estes últimos, ora de pendor ultra conservador, ora abertos às postulações liberais. O clima de instabilidade que caracterizou o mosaico europeu de então obrigou a uma mobilidade forçada milhares de cidadãos. Assim aconteceu com a família Sismondi, originária da Toscana (região que constituía um grão-ducado sob tutela da casa de Lorena desde 1737). Esta família, tendo conhecido um primeiro exílio em França, e depois em Génève, cidade onde viria a nascer o nosso autor, viria ainda a procurar refúgio em Inglaterra após a Revolução. O destino haveria de fazer voltar Simonde de Sismondi à Toscana dos seus antepassados, para finalmente o fazer regressar a Génève em 1800.

Tal percurso acidentado ajuda-nos a compreender melhor o enriquecedor entrecruzamento de saberes que convergem na formação de Sismondi, em cujos escritos surpreendemos o herdeiro do espírito cosmopolita e enciclopédico das Luzes, e também o admirador da concepção de liberdade anglo-saxónica, bem como uma mundividência não eurocêntrica, atenta já à importância estratégica e económica a que estarão votados, no futuro, os povos colonizados. A sua vasta cultura e a multiplicidade dos seus interesses, bem como o seu comprometimento com os seus ideais pessoais levam-no a exprimir-se e a tomar posição sobre domínios tão específicos como a agricultura, a economia política, a administração do território, a política social, o direito, a história social ou a história literária.

³ Que remetemos para estudo paralelo, que desenvolvemos neste momento também para posterior publicação.

Assim, e sintetizando apenas alguns dos títulos mais significativos de Sismondi, dentre uma extensa bibliografia, mencionáremos, por ordem cronológica:

1801, *Tableau de l'agriculture toscane*, estudo motivado pela sua estadia toscana;

1809-1818, *Histoire des républiques italiennes au Moyen Age*, obra que atingirá 16 volumes, na segunda edição (1809-1818), na qual o autor se exprime sobre a liberdade vivida em Itália antes da aliança entre a Igreja Católica e os principados;

1813, *De la littérature du Midi de l'Europe*, da qual foram feitas várias edições;

1819, *Nouveaux principes d'économie politique, ou de la richesse dans ses rapports avec la population*, obra motivada pelas consequências da industrialização em Inglaterra. Conhecerá uma 2ª edição em 1827;

1821-1844, *Histoire des Français*, vasta obra publicada em 36 volumes, particularmente inovadora para a época, porquanto eleva a nação francesa a objecto de estudo, isto é, os próprios franceses e não o país político ou o seu regime;

e ainda um romance histórico, *Julia Sévéra, ou l'an quatre cent quatre-vingt-douze*, publicado em 1829;

1836, *Essais sur les constitutions des peuples libres*, importante colectânea em 3 volumes em que procede à análise comparada de vários sistemas políticos.

É sem dúvida no círculo de Coppet, iluminado pelo fulgor intelectual e mundano trazido da sua saudosa cidade de Paris por Madame de Staël, ela própria também obrigada a deixar a França na sequência dos massacres de 1792, e depois exilada por Napoleão a partir de 1803, que Sismondi encontra o ambiente propício ao desenvolvimento das suas ideias e dos seus estudos.

A figura de Madame de Staël constitui outro caso paradigmático de uma exilada célebre, sobejamente mais conhecido no universo crítico português, onde a autora é tradicionalmente apresentada como a introdutora do pensamento literário alemão que prepara o advento do romantismo. Referiremos por isso tão somente a sua importância como tutelar do grupo de Coppet⁴, onde situamos o nosso autor,

⁴ Michel Delon caracteriza as reuniões deste grupo, que nunca se fixou em escola nem declinou um programa, como uma continuidade da tradição social francesa dos "salons". Aí brilhava a conversação mundana e eram entretidas relações de amizade e de troca de ideias sobre os principais temas da actualidade,

também ele um expatriado notável. Exilada de Paris, Madame de Staël encontrará asilo em Lausanne e no domínio familiar de Coppet, nas margens do lago Léman, dada a sua situação de filha de Jacques Necker, afortunado homem de negócios romando que haveria de ascender a ministro das finanças de Luís XVI, não obstante a sua qualidade de estrangeiro e de não professar a religião católica. Perseguida por Napoleão, cultural e ideologicamente seduzido pela imagem simbólica do poder absoluto representada por Luís XIV, Madame de Staël é vítima da importância crescente que vinham adquirindo as reuniões sociais do seu *salon* parisiense, digna herdeira do *salon* mantido por sua mãe, Suzane Curchod, também ela de origem romanda protestante, no cultivo das relações sociais, culturais e políticas internacionais marcantes na época. É precisamente essa herança parisiense, na qual fora criada e que ela própria continuara a cultivar após o seu casamento com o ministro da Suécia em Paris, o barão de Staël, que transfigura o universo de Coppet, onde, numa atmosfera de bem-estar e de tranquilidade espiritual reúne vultos de renome no panorama intelectual contemporâneo. É também esta herança que se afigura politicamente incómoda a Napoleão. Por isso este não hesitou, no auge do seu poder, em mandar destruir o livro considerado subversivo, *De l'Allemagne*, que Madame de Staël haveria publicar com assinável êxito em 1813 em Inglaterra, e de a proibir de prosseguir os seus projectos de publicação, consciente do perigo que para si poderiam representar as relações de personalidades que também lhe eram próximas com Madame de Staël, espírito livre, discípula do ideário cosmopolita e intelectual das Luzes, matizado pelo rigor e exigências morais calvinistas. Constituía *De l'Allemagne* uma obra fundamental, à qual a autora se entregara após uma primeira estadia na Alemanha em 1803, em cuja cultura fora já introduzida pelo seu amigo Guilherme de Humboldt, filólogo e antropólogo considerado, e cuja língua entretanto aprendera, no ensejo de poder aceder aos textos originais, tantas vezes adulterados pelas mediocres traduções que circulavam então. Seduzida pelas ideias inovadoras que já circulavam na pátria de Goethe, e lhe permitem encontrar um novo alimento espiritual para a cultura francesa, estiolada pelo cansaço dos cânones clássicos em que o gosto e os poderes instituídos teimavam

prolongando-se os debates em estadias mais demoradas e por uma animada e copiosa troca de correspondência entre os participantes, na sua maior parte, companheiros de exílio da anfitriã, provenientes de vários países do mundo, envolvidos directa ou indirectamente na epopeia napoleónica e da qual sofriam as consequências (Delon, Michel, 1996: 387-388).

em delimitá-la oficialmente, após esta afronta particularmente dolorosa e irremissível, Madame de Staël parte para um périplo de vários anos que a levará desde a Rússia, passando pela Suécia até Inglaterra. Esta viagem restitui-lhe o sentimento de liberdade perdida pela qual tanto havia pugnado durante a sua vida, e dá-lhe a oportunidade de assumir plenamente, fomentando-a, a oposição ao regime que a perseguia. Regressará no final da vida a uma França humilhada e governada agora por um regime que não lhe inspira tão pouco confiança, mas pelo menos liberta da sombra imperial. Desta experiência resta o projecto inacabado da segunda parte de *Dix années d'exil*, que Madame de Staël começara, ainda durante o Império, como um violento libelo contra Napoleão⁵.

O exílio de Madame de Staël deve pois ser entendido como um caso paradigmático de conflitualidade entre dois campos de poder determinantes e inconciliáveis numa Europa fortemente marcada ideologicamente: o político, caracterizado pela opressiva ideologia napoleónica vigente, e o literário, cujo campo, delimitado pelo estreito enquadramento neo-clássico francês, ela se esforça por rejuvenescer, à luz da filosofia de Kant, e da nova estética já comprovada na Alemanha pelo êxito de poetas como Goethe e Schiller, que frequentara durante as suas estadias naquele país, e que se revelam a seus olhos como os arautos da modernidade. Data dessa época também o seu conhecimento de Auguste W. Schlegel, fundador, com seu irmão, Frédéric, do movimento *Sturm und Drang*, que convida para o lugar de preceptor de seus filhos em Coppet.

Coppet, por seu turno, desempenhará, nesse período, um papel mediador entre a cultura germânica, valorizadora da sensibilidade e imaginação criadora, das tradições nacionais e dos mitos fundadores, e a cultura francesa de raiz setecentista, na qual Madame de Staël reconhece as suas referências ideológicas, as quais excluem, definitivamente, o enfeudamento à matriz clássica, disfarçada no neo-classicismo imperial.

É neste círculo intelectual em que confluem os espíritos mais marcantes da Europa culta de então, unidos pela mesma recusa política esclarecida do Império, e libertos por um momento das perseguições políticas que determinam os seus destinos, que vamos encontrar Sismondi, contemporâneo de Madame de Staël e de

⁵ Sobre a importância da figura de Madame de Staël no panorama europeu, no contexto do seu exílio em Coppet, v. Balayé, Simone, 1996: 357-368.

Benjamin Constant⁶. Sismondi partilha a intimidade de Coppel, dentro dos parâmetros de independência ideológica que caracterizam, e por isso valorizam, as posições individuais dos membros daquele grupo, lídimos representantes do prometedor, porquanto particularmente diversificado do ponto de vista cultural, alvorecer romântico europeu. Seu fiel admirador, o nosso autor acompanhará Madame de Staël na sua viagem a Itália entre 1804 e 1805, bem como na segunda deslocação que a futura autora de *De l'Allemagne* fará à Austria e à Alemanha entre 1808 e 1810.

Petit de Julleville, professor na Faculdade de Letras da Universidade de Paris, e autor da volumosa *Histoire de la Littérature française des origines à 1900*, que publica na Librairie Armand Colin, em finais do século XIX (uma das raras obras, dentre as primeiras histórias da literatura francesa a conceder algum espaço às duas literaturas europeias de expressão francesa), acaba por reconhecer, se bem que atribuindo-lhes o lugar subalterno de "colonies de la France", a importância mediadora destas literaturas entre a Europa germanística e a Europa francófona. Para Petit de Julleville, trata-se de duas literaturas que acederam "depuis longtemps à l'indépendance et dont l'influence rejaillit sur la métropole". Conclui o seu comentário sobre a literatura romanda nestes termos, em que recorda Sainte-Beuve:

"La Suisse romande, 'parfait belvedere', disait Sainte-Beuve, pour observer la France – et l'Europe – nous a souvent initiés, depuis un demi-siècle, au mouvement européen." Mme de Staël, Sismondi et Benjamin Constant são identificados pelo historiador literário como "d'excellents critiques en matière de littératures étrangères" e a "Suisse romande [...] comme une station où les idées anglaises et allemandes 'se francisent avant de pénétrer en France'" (Julleville, Petit de, 1889: 691-692, vol VIII).

Membro de relevo neste contexto cosmopolita, em que, mais uma vez ao longo da sua história cultural, a Suíça cumpre o papel de ponte entre o Norte e o Sul da Europa, Sismondi é convidado no início da década de 1810⁷ a proferir um curso público em Genève, versando a literatura do Sul da Europa. Facto que adquire uma projecção particularmente relevante, no contexto cultural não só suíço, mas europeu, dada a importância da instituição que o acolheu.

⁶ Sismondi é mais novo sete anos do que Madame de Staël e seis anos do que Benjamin Constant.

⁷ Afirma-o nomeadamente no seguinte passo da sua obra "Octobre 1826. En préparant pour le public, après plus de quinze ans d'intervalle, une troisième édition de cet ouvrage..." (Sismondi, 1829: iij).

Esclareça-se que a académie de Genève, criada por Calvino e Théodore de Bèze em 1559 era, no tempo das Luzes, um importante centro de formação europeu. Não obstante as profundas mudanças políticas e sociais que atingiram os cantões suíços sob e após a era napoleônica, a excelência dos seus mestres, muitos dos quais provenientes da vizinha França (nação tutelar durante o Império), atraía numerosos estudantes. Mestres e alunos, com as suas diferentes culturas, muito contribuíram para o cosmopolitismo da cidade e para a nomeada da futura universidade, na qual se transformaria a Academia em 1873. É por isso significativo que tenha sido nessa Academia, que prosseguia a tradição protestante do gosto pela história, pela filosofia (e também pelos estudos de ciências naturais), que alguns dos melhores autores lusos tenham sido dados a conhecer a um público tão diversificado e seguramente tão interessado e culto.

Madame de Staël havia concluído no mesmo ano de 1810 o seu profundo estudo *De l'Allemagne*, vincadamente favorável à cultura germânica, que aí apresentava como modelo regenerador da cultura francesa, e, por extensão, da cultura europeia. Neste livro viria a retomar alguns dos temas caros ao pré-romantismo, tais como o culto pela literatura cristã medieval, ou a relatividade do gosto, na esteira já da sua primeira obra de reflexão literária, vinda a lume dez anos antes, *De la littérature dans ses rapports avec les institutions sociales* (1800).

Colocando as premissas de um estudo comparado entre a literatura alemã e a literatura francesa, se bem que de teor nitidamente valorativo da primeira, aquela obra assume-se também, e por outro lado, como o manifesto do cosmopolitismo literário professado pela autora e pelo grupo de Coppet:

"on se trouvera donc bien en tous pays d'accueillir les pensées étrangères, car, dans ce genre, l'hospitalité fait la fortune de celui qui reçoit" (cit. por Nordmann, 2001: 31).

É sem dúvida o interesse revelado pela diversidade das culturas e das literaturas europeias que leva os primeiros historiadores românticos a desvendarem os caminhos das literaturas situadas fora da órbita aglutinadora do classicismo francês.

Aliados à procura de raízes identificadoras de identidades nacionais próprias, emanam do círculo de Coppet, e da sua ancoragem filosófica alemã, diversos estudos contrapondo o Norte e o Sul. Veja-se, por exemplo, o título que o erudito suíço Bonstetten, publica em 1824, *L'Homme du Midi et l'Homme du Nord*, e atente-se nas

traduções de literaturas menos conhecidas como as do sul da Europa: A. W. Schlegel traduz para alemão uma antologia de poesias espanholas, portuguesas e italianas, voltando a estas literaturas no seu *Cours de littérature dramatique*, que é por seu turno traduzido para francês pela sobrinha de Madame de Staël, a pedagoga Madame Necker de Saussure, em 1814⁸.

A relação entre a Europa do Norte e a Europa do Sul é frequentemente encarada na época em termos opositivos. É nessa relação que se insere a oposição corrente entre romantismo, associado ao Norte, e classicismo, associado às culturas do Sul, ou ainda entre cristianismo e paganismo.

Para Bonstetten, por exemplo, "chez l'homme du nord, le sentiment plus concentré que chez l'homme du midi, est pour cela même toujours près de l'inspiration. Sous le ciel du midi, le sentiment, en se portant sur des objets extérieurs, s'évapore en jouissances; sous le ciel brumeux du nord, il se concentre en lui-même" (cit. por Delon, M., 1996: 395)

O curso de Sismondi, que dará lugar à obra impressa de que nos ocupamos, pelo seu objectivo plural – o estudo das literaturas do sul da Europa, que reduz a três, a italiana, a espanhola e a portuguesa –, constitui um exemplo claro do espírito cosmopolita e pluralista de Coppel. Torna-se significativo o facto desta obra ter vindo a lume precisamente no mesmo editor que iria publicar as obras completas de Madame de Staël, em 1820: Treutel et Würtz, em Paris, editor com representações em Strasbourg, Londres e Bruxelas.

Por outro lado, apostado em valorizar a relatividade do gosto literário, emancipando-o da matriz francesa clássica, através do confronto de várias formas de expressão e de conteúdos literários, o pluralismo de Coppel abre caminho aos modernos estudos comparatistas. Como afirmou Claude Pichois na sua obra *La littérature comparée*,

"Pour que nacquit l'expression de "littérature comparée", il ne suffisait pas que régnât un esprit que l'on pourrait déjà qualifier d'européen, un esprit de cosmopolitisme, de libéralisme, de générosité, niant tout exclusivisme, tout "isolationisme", cet esprit [...] qui a réuni à Coppel, autour de Mme de Staël, des Suisses, des Français, des Allemands, des Anglais, attachés à d'incessantes confrontations. Il a fallu aussi que les Français cessassent de proclamer la supériorité du goût classique et d'imposer ce goût à l'Europe; il a fallu que fût reconnue l'existence des goûts et leur relativité [...]" (Pichois, C., 1967: 14)

⁸ Cf. Delon, Michel, "Le groupe de Coppel", in op. cit.: 390.

Ora, o conceito de relativização parece-nos caracterizar plenamente os objectivos de Sismondi. Nele se conjugam as premissas do espírito de Coppel que identificámos até aqui: a afirmação da individualidade do crítico ou do escritor, na observância do espírito de tolerância herdado das Luzes e de aceitação reflectida das posições alheias como pressuposto do pluralismo e da independência ideológicos. Sismondi projectará o seu ideário literatura/sociedade através do prisma económico e religioso; a libertação do galocentrismo, através da identificação de modelos culturais variados: o homem do Norte e do Sul, a encruzilhada cultural, e o respeito pelas características próprias do gosto, sendo de evitar a uniformização segundo um padrão ou regras pré-estabelecidas.

A questão das identidades nacionais, nas quais entronca naturalmente o discurso da polarização Norte/Sul, é uma temática dominante dos membros de Coppel, na esteira do pensamento de Herder, veiculado por Schlegel.

Na obra em questão, vamos encontrar precisamente a oposição assinalada já por Mme de Staël ou Bonstetten, entre o Norte e o Sul, e à qual o próprio Sismondi voltará em 1823, nos volumes que publica sobre a *Histoire des Français*, os quais ilustram a tese do Midi, e da cultura occitânica como o cadinho primitivo da cultura francesa, próxima das suas raízes romanas, em contraponto com a parte norte do país, desfigurada e descaracterizada pelas invasões bárbaras, terra de implantação do modelo feudal, e de uma pirâmide social fortemente hierarquizada, dominada pela igreja católica.

Também em *De la littérature du Midi de l'Europe*, Sismondi desenvolve o tema da oposição entre o Norte e o Sul, atribuindo uma importância fundamental aos povos provençais, "les premiers-nés de l'Europe pour la poésie romantique". É seu objectivo "familiariser [ses] lecteurs avec leurs troubadours, si renommés et si peu connus [...], montrer ce que la poésie de toutes les nations modernes doit à ces premiers maîtres" (Sismondi, 1829: 10-11)⁹.

Dentre as literaturas do meio-dia, o lugar genésico pertence inequivocamente contudo, para o nosso autor, à italiana, que reputa "celle entre les langues du Midi qui a eu la plus grande influence sur les autres" (Sismondi, 1829:11). Reconhecemos facilmente como

⁹ Uma interessante aproximação entre o centramento de Sismondi sobre as culturas do Sul da Europa e a importância que lhes viria a conferir o movimento revivalista occitânico dos "félibres" dinamizado pelo poeta Mistral em 1853, é feita por Daniel Maggetti em *L'invention de la littérature romande, 1830-1910*, Lausanne, Editions Payot Lausanne, 1995: 121 e 330n

justificação para esta opção o critério histórico-literário das "influências", o qual viria a ser futuramente tão aplicado no campo metodológico dos estudos literários.

Com efeito, comparando a literatura espanhola com a italiana, prossegue Sismondi, "ses premiers monuments sont antérieurs de plus d'un siècle aux poésies italiennes" (Sismondi, 1929: 11). E, não obstante propor-se "suivre l'espagnol dans toute sa durée", é contudo o momento em que "sous le règne de Charles-Quint, les Castillans s'efforcèrent d'imiter les grands modèles qu'ils avaient appris à connaître en Italie", que mais lhe interessa evidenciar no seu estudo.

Enuncia então o método que norteia a sua indagação histórico-literária, o qual reflecte, a nosso ver, de forma muito clara, um dos paradoxos da primitiva historiografia literária francesa: preocupada em inventariar, de forma exaustiva, os "monumentos", isto é, as obras canónicas, de uma literatura, desde os seus exemplares mais remotos (e daí Sismondi propor-se tratar a literatura italiana "dès sa première origine", e a espanhola "dans toute sa durée"), vê-se compelida a conferir maior relevo aos momentos em que figuras tutelares se ergueram no panorama genérico, projectando o seu fulgor noutras literaturas.

Assim acontece com as literaturas provençais e os seus trovadores, das quais, como vimos, é preciso "montrer ce que la poésie de toutes les nations modernes doit à ses premiers maîtres"; do mesmo modo com a literatura italiana, onde pontifica "le temps de Dante"; e com a literatura portuguesa, "que la plupart de [ses] lecteurs ne connaissent sans doute que par le chef d'oeuvre du Camoëns, mais qui n'était point arrivée à produire un si grand homme sans l'entourer de poètes et d'historiens distingués, dignes de former sa cour" (Sismondi, 1929: 11-12).

Paradoxo que Sismondi pretende resolver, como se depreende da sua proposta, ultrapassando a inventariação cronológica a que a procura das origens levaria, para colocar as premissas do que mais tarde se consolidaria em termos de uma perspectiva comparatista, mas que ainda define em termos de influências unidireccionais.

"nous devons ranger les nations, non point d'après l'antiquité de leurs premiers essais, mais d'après l'influence que la culture des unes a exercée sur celle des autres" (Sismondi, 1929: 11).

O estudo das origens de uma dada literatura não se enquadra portanto, para Sismondi, num objectivo de mera inventariação de autores e obras susceptíveis de formarem uma cronologia. Sendo

orientado segundo um método para-comparatista, chamemos-lhe assim, esse estudo deverá conduzir a um melhor conhecimento das literaturas nacionais, de molde a valorizar o que nelas as identifica como fazendo parte da Literatura universal. Como disse Claude Pichois, "la littérature comparée fut d'abord un moyen scolaire, sinon scolastique, d'apprécier l'originalité de chaque littérature. [...] comparer des littératures, ce n'est pas faire de la littérature comparée. Il reste toutefois que c'est se préparer à en faire et que peut-être il faut aussi aboutir à cette comparaison, si l'on veut déterminer l'apport irremplaçable de chaque littérature nationale au fonds commun de la Littérature, à cette Weltliteratur, mot auquel depuis Goethe on a prêté beaucoup de sens et qui peut recevoir celui de vivant Panthéon où se multiplient les contrastes" (Pichois, 1967: 13).

Por outro lado, e voltando à questão, fundamental para os membros do círculo de Coppet, da relativização do modelo do gosto clássico francês que tendia a estiolar as literaturas europeias contemporâneas, o interesse pela origem das literaturas nacionais deve ser enquadrado no contexto da importância de que se reveste a verdadeira "descoberta", chamemos-lhe assim, das referências culturais anteriores à época clássica. Para o historiador literário de inícios do século XIX, a Idade Média apresentava-se como um verdadeiro manancial cultural, frequentemente conotado como um campo "original", "natural", "vigoroso", "livre", "puro", "espontâneo", onde a "criação" se oferece ao "gênio" e à "imaginação" do poeta, o qual não tem mais do que deixar-se embalar pela sua "inspiração" e "sensibilidade" pessoais.

Em oposição à ideia de obscuridade e de barbárie com que o classicismo ostracisava este período, o historiador romântico, na sua indagação das origens literárias, descobre aí largo campo não só de pesquisas prometedoras, como de fundamentação teórica para a construção do seu modelo de história literária:

"J'ai cherché à remonter des règles conventionnelles de chaque littérature aux règles fondamentales, que le sentiment et le goût ont rendues communes à tous les hommes" (Sismondi, 1929: a).

A busca das origens conduzi-lo-á a identificar mundividências comuns a todos os homens, no fundo, a cumprir o programa do reconhecimento do pluralismo cultural; a identificar também a diversidade das manifestações literárias e culturais das várias nações como meio para alcançar o universalismo. Aqui reencontramos as

marcas da tolerância e a recusa de qualquer tipo de dogmatismo que caracterizavam o espírito de Coppet.

O seu programa vai porém mais longe do que a simples detecção das "influências" que determinada literatura nacional sofre a dado momento da sua história, tal como fica expresso no seguimento do excerto do "Avertissement" da edição de 1829 de *De la littérature du Midi de l'Europe* que acabamos de citar. A sua formação, de base economicista – particularmente sensível às repercussões sociais das opções económicas, Sismondi é o autor de *Nouveaux principes d'économie politique, ou de la richesse dans ses rapports avec la population* –; a sua orientação política (que os críticos situam no campo liberal) – recorde-se o título *Recherches sur les constitutions des peuples libres* – e as suas concepções religiosas, de raiz protestante, permitem-lhe interpretar de modo pessoal o lema caro a Madame de Staël, segundo o qual "la littérature est l'expression de la société":

"j'ai surtout voulu montrer partout l'influence réciproque de l'histoire politique et religieuse des peuples sur leur littérature, et de leur littérature sur leur caractère; faire sentir le rapport des lois du juste et de l'honnête avec celles du beau; la liaison enfin de la vertu et de la morale avec la sensibilité et l'imagination. C'était, en quelque sorte, écrire l'histoire de l'esprit humain chez plusieurs peuples indépendants, et le montrer partout soumis à des phases régulières et correspondantes" (Sismondi, 1929: i-ij).

Sismondi afirmou-se como um dos primeiros historiadores literários a reconhecerem a literatura como um fenómeno de natureza eminentemente social, simultaneamente lugar onde se projectam determinados factores, mas de onde emanam também determinadas características definidoras do espírito de um povo e de uma nação. Assim, por um lado, na literatura convergem, para o autor, factores de índole diversa, tais como históricos, políticos, económicos e religiosos; a noção de belo deve enquadrar-se no âmbito de contextos de justiça e de honestidade; a sensibilidade e a imaginação devem ser moldadas segundo as regras da virtude e da moral, numa simbiose de princípios e atitudes identificadora do espírito de Genève, em que as Luzes se aliam naturalmente à religião calvinista. Por sua vez, ao considerar que literatura reflecte o espírito de um povo e de uma nação, Sismondi abre caminho para uma leitura etnográfica e política da literatura, tal como se torna claro na própria oposição entre homens do Norte e homens do Sul estabelecida pelo título da obra que seleccionámos para este breve estudo.

Tendo resultado de uma experiência de ensino na Académie de Genève, *De la littérature du Midi de l'Europe*, não poderia deixar de reflectir a necessária conformidade com o espírito que caracterizava então essa cidade calvinista, "ville renommée pour les vertus domestiques, pour la pureté de ses mœurs, pour l'austère décence du langage", cidade "où les fonctions de l'enseignement se considèrent encore comme une magistrature primitive", obrigando a uma contenção do autor perante o seu auditório, tão distante da "poésie de peuples voluptueux, et souvent corrompus" como aqueles cuja beleza se propunha revelar....

BIBLIOGRAFIA

- Balayé, Simone (1996), "Madame de Staël", in Roger Francillon (coord.), *Histoire de la Littérature en Suisse romande: du Moyen-Age à 1815*, Lausanne, Editions Payot Lausanne, tome I, p. 357-368.
- Barthes, Roland (1968), "La mort de l'auteur", in Barthes, R. (1984), *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil.
- Compagnon, Antoine (1998), *Le démon de la théorie: Littérature et sens commun*, Paris, Seuil.
- Delon, Michel (1996), "Le groupe de Coppet", in Roger Francillon (coord.), *Histoire de la Littérature en Suisse romande: du Moyen-Age à 1815*, Lausanne, Editions Payot Lausanne, tome I, p. 387-398.
- Eco, Umberto (1990), *Les limites de l'interprétation*, trad. fr. Paris, Grasset, 1992.
- Fish, Stanley (1980), "Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities", Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- Laurel, Maria Hermínia Amado (1989), "Origens da historiografia literária portuguesa", *ICALP/Cultura Portuguesa*, n.ºs 16-17, Junho-Setembro, p. 202-217.
- Maggetti, Daniel (1995), *L'Invention de la littérature romande (1830-1910)*, Lausanne, Editions Payot Lausanne.
- Nordmann, Jean-Thomas (2001), *La critique littéraire française au XIXe siècle (1800-1914)*, Paris, Librairie Générale Française.
- Petit de Julleville, Louis, *Histoire de la Littérature française des origines à 1900*, Paris, Librairie Armand Colin.
- Pichois, Claude; Rousseau, A.M. (1967), *La littérature comparée*, Paris, Armand Colin.
- Sismondi, J. C. L. Simonde de (1829), *De la Littérature du Midi de l'Europe*, Paris, Treutel et Würtz, Libraires, tome premier.
- Site na Internet da Associazione di Studi Sismondiani:
<http://www.stm.unipi.it/Sismondi>.